

CARTILHA

2020

Maternidade

FR  FR 

Cartilha Maternidade

Conteúdo

Bárbara Dantine

Editora

Yasmine Sterea, criadora do Free Free

Projeto Gráfico

Paula Hemm

São Paulo

2020

Copyright © 2020

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou utilizado de qualquer maneira sem a permissão expressa por escrito do editor exceto pelo uso de citações breves em uma resenha.

Conteúdo

- 04.** Apresentação
- 06.** Qual é a idade ideal para ter um filho?
- 09.** A escolha do parto
- 10.** Ser mãe e trabalhar: é possível
- 11.** Voo solo: as chefes de família
- 12.** Divisão do Trabalho Doméstico é fundamental!
- 13.** Bibliografia

Apresentação

Ser mãe é uma escolha. E mais do que isso, ser mãe é uma aventura, com seus bons e maus momentos durante a jornada.

Bons porque você sente um amor único e inexplicável por uma pessoa que depende de você durante seu desenvolvimento. Um sentimento que faz você aceitar qualquer desafio e se sentir capaz de encará-lo.

Maus porque existe o medo de algo acontecer com o seu filho ou filha nesse mundo que às vezes pode ser bem difícil, além do medo de falhar em sua criação. Mas ser mãe é um processo de aprendizagem constante. Errar faz parte disso.

E se o mundo tem seus próprios problemas e perigos aos quais todos estamos sujeitos, ele ainda também não é ideal para as mães, que às vezes precisam abrir mão de alguns objetivos ou se desdobrar para conseguir conciliar atividades.

Ser mãe é cumprir um papel social. Ser mãe é encarar uma jornada dupla, às vezes tripla, e mesmo cansada se sentir plena quando está junto do seu bebê (seja ele da idade que for).

O Free Free defende um mundo mais justo com as mães. Que elas tenham a oportunidade de vivenciar a vida familiar sem desistir de suas carreiras ou outros sonhos. Sem sentir medo ou culpa. Sem ter que escolher uma coisa ou outra. Sem aquela visão limitante de que uma boa mãe não pode ser uma boa profissional e vice-versa. Podemos ser mães, podemos ter tudo e juntas podemos transformar o mundo!



Qual a idade ideal para ter um filho?

É cada vez mais comum as mulheres deixarem para ter filhos mais tarde. Seja por focar primeiro em suas carreiras para conquistar a independência financeira e assim considerar iniciar uma família por conta própria, ou seja porque encontrar um parceiro também costuma ocorrer mais tarde em comparação com as gerações anteriores. São vários os motivos que são levados em consideração antes da decisão pela maternidade.

Felizmente com os avanços da medicina o conceito de "idade fértil" foi ampliado e mães mais velhas conseguem engravidar de seu primeiro filho e ter gestações seguras. Dados das Estatísticas do Registro Civil, divulgados pelo IBGE, revelam que dos 2,86 milhões de nascimentos registrados no Brasil em 2017, em 35,1% dos casos a mãe tinha 30 anos ou mais de idade na ocasião do parto. Em 2007 a participação de mulheres nessa faixa etária foi de 25,7% e em 2016, cresceu para 33%.

Em 2018 o maior aumento do número de mães foi entre as faixas de 30 a 34 anos, e 35 a 39 anos. Segundo o 12º Relatório do Sistema Nacional de Produção de Embriões (SisEmbrio), publicado pela Anvisa em julho de 2019, em 2018 foram realizados 43.098 ciclos de fertilização in vitro, contra 36.307 em 2017. O documento aponta também que, em 2018, foram congelados 88.776 embriões para uso em técnicas de reprodução humana assistida, 13,5% a mais do que em 2017.

Há também a opção de adotar, que pode ser realizada por qualquer pessoa com mais de 18 anos, seja ela casada, solteira ou em união estável. A adoção é uma forma muito bonita de ser mãe e dedicar o seu amor para crianças e adolescentes que precisam muito.

Não há portanto uma idade ideal para ser mãe. Essa é uma escolha pessoal e opções para tornar a maternidade possível não faltam.





A escolha do parto

O parto é um momento muito especial. Após meses de expectativa, chega a hora de finalmente conhecer o bebê. E com as dores das contrações e outros estresses do processo é muito importante que as mães estejam muito confortáveis na hora do nascimento.

Se não houver complicações já previstas, a mulher tem o direito de escolher a forma de trazer seu filho ao mundo, seja com o parto normal, natural ou através de uma cesariana. Mas muitas ainda têm dificuldades na hora de decidir e fazer valer sua vontade de como será o parto.

No Brasil, o número de cesarianas na rede pública chegou a 55,4% dos partos realizados em 2016, percentual muito acima dos 15% recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Na rede privada o número é ainda maior, com mais de 80% dos partos realizados com cesarianas.

A escolha pela forma do parto sempre deve ser conversada entre o médico e a mãe, de forma que garanta a maior segurança para ela e para o bebê, mas a violência obstétrica ainda é uma realidade, limitando a liberdade e conforto das mulheres. Segundo o estudo “Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado”, de 2010, da Fundação Perseu Abramo e Sesc, uma em cada quatro mulheres já foi vítima de violência obstétrica, que pode ser considerada como a desumanização no atendimento, abuso na utilização de medicamentos, ofensas e até mesmo abusos sexuais.

Ser mãe e trabalhar: é possível

Ser mãe é uma parte da mulher que escolhe esse caminho. Uma parte grande e muito importante, mas não é tudo. Ninguém deve abrir mão da sua realização profissional ou ser prejudicada na hora de voltar às atividades, mas o mercado de trabalho ainda não garante a estabilidade necessária para as mulheres que decidem ter filhos. Segundo um estudo da FGV (Fundação Getúlio Vargas), que envolveu 247 mil mulheres com idade entre 25 e 35 anos, metade das mulheres que têm filhos perdem o emprego em até dois anos depois da licença-maternidade.

E se a disparidade salarial entre homens e mulheres já é um problema conhecido, essa diferença também ocorre entre mulheres com e sem filhos. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE, compilados pela Consultoria IDados, mostra que mulheres que são mães recebem salários até 40% menores do que as mulheres sem filhos no Brasil. Enquanto mulheres sem filhos ganham, em média, R\$ 2.115 por mês, mães de um filho ganham 24% a menos. Quanto mais filhos, maior a diferença: mulheres com três ou mais filhos têm queda de quase 40% na renda mensal.

Não faz sentido que justamente quem mais precisa de estabilidade financeira seja mais prejudicado pelas empresas. Países como a Islândia, para reduzir diferenças salariais e de oportunidades em decorrência do afastamento das mães após o nascimento, estipulou uma licença igual e não-transferível para homens e mulheres, que também é uma forma de fazer com que os homens se envolvam mais nas responsabilidades de criação do filho.

Ao se tornar mãe, a mulher não passa a ter um comprometimento maior com os filhos do que com o trabalho e, pelo contrário, otimiza sua produtividade para render em suas atividades e poder passar mais tempo com as crianças. Com anos de uma estrutura patriarcal que privilegiou os homens no mundo corporativo, para remediar essa situação a primeira coisa a se fazer é promover leis que garantam a igualdade de condições entre homens e mulheres que vão ser pais.

Voo solo: as chefes de família

A figura da chefe de família é bastante conhecida por aqui, com mulheres que criam e sustentam filhos ou mesmo netos sem um cônjuge. Segundo a pesquisa "Mulheres Chefes de Família no Brasil: Avanços e Desafios" o número de famílias brasileiras chefiadas por mulheres cresceu 105% entre 2001 e 2015. Já o IBGE aponta que, em 2018, 45% dos lares brasileiros já eram comandados por mulheres. Só na região metropolitana de São Paulo, quatro em cada dez lares (39%) têm como figura principal alguém do sexo feminino, segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).

Uma família não precisa ser formada por um casal. E muitas vezes não é mesmo. Se parte das mulheres escolhe essa modalidade de família monoparental, a realidade da maioria das mães solo ainda está ligada ao abandono da parte paterna, com 5,5 milhões de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento.

Divisão do Trabalho Doméstico é fundamental!

O trabalho doméstico deve ser valorizado, seja para as profissionais que trabalham com ele como dentro da estrutura familiar. É muito mais comum que, mesmo nas famílias onde ambos os pais trabalham, a maior carga de trabalho doméstico fique com as mães, que encaram a chamada jornada dupla. Fator esse que contribui inclusive com a diferença de salários entre homens e mulheres, já que muitas mães precisam conciliar as tarefas profissionais, da casa e as atividades ligadas à saúde e educação dos filhos.

O levantamento “Outras Formas de Trabalho da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua”, do IBGE, aponta que de forma geral as mulheres dedicaram, em média, 21,3 horas por semana com afazeres domésticos e cuidado de pessoas em 2018, quase o dobro do que os homens gastaram com as mesmas tarefas, que é de 10,9 horas.

Para as mulheres que trabalham fora, ainda assim elas cumpriram 8,2 horas a mais em obrigações domésticas que o homens também ocupados. No cenário em que homens e mulheres não são ocupados, elas trabalharam em tarefas domésticas 11,8 horas a mais do que eles.

É muito mais difícil para uma mãe negligenciar o trabalho doméstico pois as necessidades dos filhos não podem ser ignoradas. Mas precisamos acabar com aquela pressão de ser uma boa profissional, além de dona de casa perfeita e eficiente.

A responsabilidade pelo serviço do lar deve ser dividido entre seus habitantes. E com um pouquinho de organização dá para elencar as prioridades e urgências e programar o tempo a seu favor. Também é muito saudável ter seus momentos de descanso sem culpa. E, principalmente, aproveitar todas as brechas na agenda para ter um tempo de qualidade com seus filhos. Afinal, eles crescem num piscar de olhos.

Que a gente consiga resolver as dificuldades e desigualdades que ainda persistem para tornar o mundo um lugar melhor, para mães, filhos, mulheres e homens.

BIBLIOGRAFIA

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22870-cresce-proporcao-de-mulheres-que-tiveram-filhos-apos-os-30-anos>

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2018_v45_informativo.pdf

<http://portal.anvisa.gov.br/documents/4048533/4994015/12%C2%BA+Relat%C3%B3rio+do+Sistema+Nacional+de+Produ%C3%A7%C3%A3o+de+Embri%C3%B5es+-+SisEmbrio.pdf/29f37c42-803d-4fe9-8f16-cf6cfc70f40e>

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35013&Itemid=9

<http://www.ans.gov.br/parto-e-normal>

<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/promocao-da-saude/53079-voce-sabe-o-que-e-violencia-obstetrica>

<https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>

https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1.pdf

<https://www.seade.gov.br/quatro-em-cada-dez-lares-sao-comandados-por-mulheres-em-sao-paulo/>

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/05/22/9-milhoes-de-mulheres-viraram-chefe-de-familia-nos-ultimos-7-anos.ghtml>

<https://www.ibe.edu.br/desigualdade-salarial-maes-recebem-ate-40-menos-do-que-mulheres-sem-filhos-no-brasil/>

<https://labedu.org.br/realidade-das-maes-solo-no-brasil/>

<http://www.ibdfam.org.br/noticias/7024/Paternidade+respons%C3%A1vel%3A+mais+de+5%2C5+milh%C3%B5es+de+crian%C3%A7as+brasileiras+n%C3%A3o+t%C3%AAm+o+nome+do+pai+na+certid%C3%A3o+de+nascimento>

FR  FR 